

Identificação do Público Assistencial Proexológico: Longevos – Relato de Caso

Identification of the Proexological Assistantial Public: Long-living people – A Case Report

Identificación del Público Asistencial Proexológico: Longevos – Relato de Caso

Rosa Dias*

* Administradora de Empresa. Bacharel em Ciências Contábeis. Pós-graduada em Engenharia de *Software*. MBA em Gestão Empresarial. Tenepessista. Voluntária da *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC). Coordenadora do *Colégio Invisível da Longevologia*.

rosaimadias@gmail.com

Relato recebido em: 12.10.2023.

Aprovado para publicação em: 20.12.2023.

INTRODUÇÃO

Este relato expõe sucintamente a trajetória da pesquisadora, apresentando fatos relevantes de sua biografia e compartilhando aos pesquisadores da Conscienciologia e público em geral a experiência vivida na infância diante do parapsiquismo. Procurar entender a própria trajetória, tirando o máximo de proveito dos fatos experienciados nesta vida humana permite, *a posteriori*, incluir no percurso pessoal, propósitos existenciais evolutivos, cuja definição poderá ser levada até a longevidade, em prol da assistência policármica e qualificação para as próximas etapas da existência consciencial.

SOBRE A RESSOMA

Revisitar a autobiografia com um olhar investigativo, questionador, e reviver situações e cenários foi uma oportunidade de aprendizagem única. Ao mesmo tempo, foi uma atitude que demandou coragem na busca pelo entendimento de momentos existenciais muito difíceis. Isso exigiu significativa maturidade consciencial e discernimento.

Minha ressona ocorreu em uma família de baixa renda, com nível de escolaridade primário tanto paterna quanto materna, imperando no grupocarma a necessidade de atendimento às demandas básicas da vida. Vivíamos em um local com aproximadamente 400 habitantes, com muita dificuldade para acessar escolas de nível médio ou curso superior, sem acesso a livros e estudos complementares.

A relação familiar foi relativamente equilibrada. Os meus pais sempre cuidaram com carinho dos filhos mesmo com todas as dificuldades vivenciadas na época. Nosso pai era um pacificador, tranquilo, trazendo acalmia para o grupo familiar. Minha mãe, com olhar acolhedor, era ao mesmo tempo rígida na educação dos 3 filhos, dos quais eu sou a filha do meio.

Percebo, desde a infância, acentuada diferença entre meus valores e dos demais membros da família. Sempre tive ideias mais avançadas, valores e posicionamentos inatos, tais quais rechaçar o casamento convencional, determinação de não ter filhos, conscientização da serialidade da vida, da multidimensionalidade e principalmente questionadora dos ritos religiosos, os quais para mim não faziam sentido.

Considerava a possibilidade de viver em qualquer cidade ou país, sugerindo uma visão universalista. Observo forte capacidade de autossuperação, com presença de *insights* e aportes que surgiram desde a infância e os levei muito a sério, tendo-os em consideração na escolha da profissão, estudos de outros idiomas ou mesmo a evitação dos princípios: casamento religioso ou civil.

DESCRIÇÃO DE CASUÍSTICA PESSOAL

Dentre as diversas situações experienciadas, elegi para este relato a casuística que considero mais relevante e que provavelmente seja a fonte de algumas dificuldades da minha manifestação desde então. Paradoxalmente, essas adversidades também serviram para o desenvolvimento de traços considerados traços-forças da minha manifestação.

Na infância, no ano de 1969, aos nove anos de idade, na cidade de Juiz de Fora/MG, diante de um diagnóstico médico apontando para a necessidade de um tratamento prolongado, fui internada em um hospital psiquiátrico. Apresentava, na infância, várias repercussões parapsíquicas, muito medo noturno, ouvindo vozes e barulhos diversos. Além disso, havia uma repulsa muito grande – que persiste até hoje – de contato com superfícies ou materiais com poeira, qualquer coisa a exemplo de farinhas, etc. O que me fazia ter dificuldades com os trabalhos da casa ou na produção de itens como pães, pastéis, dentre outros que eram feitos para complementar a renda da família.

Dado o diagnóstico médico, fui internada durante 3 meses no Hospital São Marcos, em Juiz de Fora, onde passei por situações e condições bem difíceis para uma criança. Desde 2015 esse hospital encontra-se desativado devido às péssimas condições de funcionamento. Em 1969 o Hospital era relativamente organizado, com excelente limpeza. Lembro-me do brilho do corredor. Todavia, as enfermeiras eram bastante ruins. Recordo-me com muita clareza das ocasiões em que éramos orientadas pelas enfermeiras a dar banhos diários nas senhoras mais velhas, além de presenciar diversos cenários de pacientes em condições extremas de desequilíbrio, aos quais não eram dispensados tratamentos humanizados. Tratava-se de ambiente e situações bem complexas para serem vivenciados por uma criança de 9 anos. Sentia-me em total solidão e desamparada. Ficava em um quarto sozinha, minhas refeições eram solitárias e tristes. Lembro dos jantares à noite com pouca ou nenhuma pessoa à minha volta. Tinha total liberdade para me movimentar pelas instalações. Todavia tudo era muito melancólico. Até hoje consigo sentir o cheiro desagradável do restaurante, o qual embrulhava meu estômago.

Minha mãe, pessoa determinada e corajosa, depois de decorridos 3 meses da minha internação, chegou à conclusão de que o local não era a solução para o meu tratamento. Foi obrigada a assinar um termo de responsabilidade junto ao corpo de médicos do hospital para que eu pudesse ser liberada. Finalmente voltei para casa. Fato curioso foi que em nossa família, após eu deixar o hospital, não mais se falou no tema, pelo menos não que eu tenha lembrança. Parece que o grupo familiar optou em colocar no passado esse episódio. Esquecer.

Decorridos 47 anos, tive duas oportunidades de tratar esse assunto: a **primeira** chance foi durante uma preceptoria na *Associação Internacional de Parapsiquismo (ASSIPI)*, onde tive a possibilidade de reviver es-

se período, constatando que esse tema não estava resolvido intraconscionalmente. Criou-se a ocasião certa para reunir-me em seguida com o grupo familiar e conversar sobre os acontecimentos, ocasião única para entender e conhecer a realidade dos fatos. A **segunda** chance para lidar com esse processo, já iniciando minha reciclagem, foi a participação no *Programa de Desenvolvimento Parapsíquico Avançado* (PDPA) oferecido pelo *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia* (IIPC), quando em um campo de pesquisa, consegui ressignificar esse evento da minha infância e entender o contexto da época, a situação paterna diante de um cenário que não tinham esclarecimentos suficientes para lidar, essa compreensão resultou no perdão dos meus pais pelo fato da minha internação.

Também naquele PDPA, encontrei-me diante de um cenário de infinitas oportunidades de autoconhecimento. Fazendo uso da autopesquisa, com um portfólio de cursos e técnicas oferecidas pelas instituições da Conscienciologia, que traz um olhar lógico sobre a existência humana, tudo passa a fazer sentido, proporcionando uma mudança extraordinária na vida intrafísica. Fui apresentada tecnicamente aos aspectos da multidimensionalidade, da multiexistencialidade, da holossomaticidade, ao princípio do universalismo e da cosmoética, o que gerou posicionamentos evolutivos nunca cogitados anteriormente e permitiu promover o entendimento da minha vivência relatada aqui, dando início a uma virada da condição de vítima para a de assistente.

PROPÓSITO DE VIDA

Passados alguns poucos anos, em um momento bem especial, no curso *40 Manobras Energéticas*, também da *Associação Internacional do Parapsiquismo Interassistencial* (ASSIPI), apareceu a hipótese de *próxis junto ao público de consciências longevas*. Iniciei, então, o engajamento no voluntariado conscienciológico, na docência e no envolvimento com os projetos voltados para o público longo vivo na *Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional* (CCCI).

Fixar residência em Foz do Iguaçu/PR passou a ser uma meta evolutiva, me motivando a contribuir na reativação, dentro da *União das Instituições Conscienciocêntricas Internacionais* (UNICIN), do *Colégio Invisível da Longevologia*, o qual tem como tema de pesquisa a especialidade da Conscienciologia que estuda o envelhecimento do ser humano sob o viés do paradigma consciencial, a fim de promover a integridade holossomática através de uma longevidade harmoniosa e profícua, proporcionando dividendos evolutivos. Ao mesmo tempo que ingressei no grupo de trabalho do projeto *Residencial Conscienciológico Manacás*, o qual tem como principais objetivos: (1) criar opção e condições estruturais proexológicas, financeiras e econômicas para o acesso de voluntários e familiares à residência própria na Cognópolis, Foz do Iguaçu, seja aos que residem em outros bairros na cidade ou interessados de outras regiões do Brasil e exterior; (2) Atender questões de acessibilidade e praticidade na moradia, facilidade de locomoção e utilização dos espaços no *Campus* do CEAEC, atendendo a todas as idades, especialmente o público 60+, tornando-o, desta forma, um instrumento facilitador do cumprimento da próxis dos pesquisadores da Conscienciologia. O materspensene do projeto é convivialidade interassistencial e longevidade lúcida, produtiva e saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de debruçar sobre nossa autobiografia nos leva a identificar efeitos das diversas experiências da trajetória intermissiva, auxilia-nos no mapeamento dos traços intraconscenciais e valores, nos situa diante da consciência que somos, levando-nos ao entendimento de determinadas manifestações, advindas deste labora-

tório consciencial vivenciado. Além de evidenciar que todas as dificuldades chancelam a percepção de capacidade de autossuperação, compelindo-nos a ter um olhar de antivitimização dos fatos, procurando ter compreensão para o parapsiquismo que está presente desde a infância e nos leva a reflexões sobre a importância de colocar no roteiro de vida um propósito evolutivo.

